

# Os movimentos sociais nas tramas das redes sociais

ODAIR MARQUES DA SILVA <sup>1</sup>

## RESUMO

Esse texto apresenta uma perspectiva diferenciada sobre os movimentos sociais, relações estabelecidas através das redes sociais que podem ser caracterizadas como um novo fenômeno social de massa e, em certos aspectos de articulação, como um movimento popular. Podemos notar as mudanças comportamentais diante do avanço tecnológico e a comunicação entre milhares de pessoas que interagem de diferentes classes como ferramenta educativa e como mobilização da educação popular. O computador e os processos tecnológicos, nas redes sociais, de certa forma proporcionam liberdade de comunicação e pode influenciar a luta de uma sociedade organizada, sobretudo, na organização de saberes e no planejamento de ação e de liderança. Atualmente identificam-se nos eventos, congressos e movimentos sociais, debates em torno das denominadas redes sociais especialmente relacionados ao campo da pedagogia do oprimido, educação popular e pedagogia social. As redes sociais na academia identificam como funcionalidade, variantes para a pesquisa de definições teóricas e na construção de conceitos proporcionando produções de diversidades culturais e históricas. Assim ao trazer para o debate os movimentos sociais nas tramas das redes sociais, nesse IV CIPS, enfatizamos a atuação do educador social diante da luta de classes apropriando de uma nova ferramenta no enfrentamento dos desafios para construção de cidadania interconectada pela tecnologia informacional e comunicacional.

**PALAVRAS - CHAVE:** Movimentos sociais. Redes sociais. Educador social.

## ABSTRACT

This text shows a perspective differentiated on social movements, the relationships established through social networks that can be characterized as a new social phenomenon of mass and, in certain aspects of circulation, as a popular movement. We may notice behavioral changes on the technological advancement and communication among thousands of people interacting in different classes as an educational tool and as mobilization of popular education. Computer and technological processes, social networks, somehow provide freedom of communication and can influence the struggle of an organized society, especially in the organization of knowledge and action planning and leadership. Currently identify themselves in events, conferences and social movements, debates on the so-called social networking especially related to the field of pedagogy of the oppressed, popular education and social pedagogy. Social networks in academia identify as functionality, different ways to search for theoretical definitions of concepts and construction providing productions of cultural and historic diversity. So to bring to the debate social movements in the frame of social networks, this IV CIPS, we emphasize the role of the social educator in front of the class struggle appropriating a new tool in facing the challenges to building citizenship interconnected by information technology and communications.

**KEY WORDS:** Social Movements. Social networking. Social Educator.

---

<sup>1</sup> Educador Social, Mestre em Gestão da Qualidade – FEM/Unicamp; docente no Programa de Pós-Graduação em Pedagogia Social – UNISAL/Campinas.

## REDES SOCIAIS FENÔMENO SOCIAL DE MASSA

Uma perspectiva diferenciada sobre os movimentos sociais é estabelecida por Paulo Freire<sup>2</sup> ao pensá-los sob a ótica pedagógica, isto é, sobre os processos de ensino-aprendizagem do indivíduo no momento em que participa de uma atuação coletiva. Nesta leitura de mundo, as relações estabelecidas através das redes sociais podem ser caracterizadas como um novo fenômeno social de massa e, em certos aspectos de articulação, como um movimento popular. Novos comportamentos são estabelecidos através dos aparelhos eletrônicos e computacionais, os quais interagem milhões e logo bilhões de pessoas, cujas trocas de informações perfazem um complexo paradigma comunicacional. Freire (2009, p.19), ao atuar com experiências de educação de base, expõe o conceito de educação popular como “o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica.”.

Os mecanismos de comunicação entre estes agrupamentos e indivíduos mediados por computadores atraem para a trama de interesses da indústria capitalista e seus respectivos processos de inovação tecnológica, cuja lógica de mercado oferece sistematicamente uma gama de produtos eletrônicos, entre estes os notebooks, os celulares<sup>3</sup> com conexão na internet e os tablets, entre outros. Freire (2009, p.22) aborda a conexão cognitiva do indivíduo ao coletivo ao comentar: “Percebo que a luta engendra um sabor em certo nível. Sempre que se luta e peleja há uma certa noção, há uma certa clareza sobre aquilo que se luta, há uma noção de remover obstáculos” . No contexto da categoria de luta de classes (Touraine), a melhor exemplificação da utilização das redes sociais materializa-se nos departamentos de comunicação social dos sindicatos de trabalhadores e dos sindicatos patronais e na produção de vídeos postados em WEB pelos movimentos sociais e em Blogs criados diariamente por seus militantes.

A liberdade de comunicação, como bandeira de luta histórica da sociedade organizada, encontra uma poderosa ferramenta de ampliação de influência social nas redes sociais. Mesmo considerando os estados onde

estão instalados governos de hegemonia<sup>4</sup> autoritária, os acessos das populações a estes instrumentos estão fortalecendo projetos políticos de resistência cultural e política ante as assertivas massificadoras e opressoras. Organizar o saber e planejar a luta, estes são elementos fundamentais à ação de liderança. No livro “Que Fazer”, organizado em forma de entrevista ao educador Paulo Freire (2009, p.25), encontra-se uma resposta a uma argüição, em que este comenta sobre a relação de luta social e a formação cidadã, onde cita que o

[...] conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular e ele vai facilitar os programas de atuar que tu dizias; mas esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática. Esse percurso, ele é imediato, o conhecimento “se dá” à reflexão através dos corpos humanos que estão resistindo e lutando, estão (portanto) aprendendo e tendo esperança.”.

Percebe-se uma forte identidade temática no debate sobre a relação entre os movimentos sociais e populares e as denominadas redes sociais, e suas conseqüentes reverberações questionadoras no campo da pedagogia do oprimido ou da educação popular, e no que hoje se inclui como pedagogia social (Silva, 2009), e a sua relação interativa e conflituosa, simultaneamente, com a educação formal e a corporativa. As abordagens estão conectadas entre as intencionalidades das instituições ou organizações estabelecidas e as manifestações sociais de rejeição a manutenção do status quo. Segundo Torres (1992, p.19) “no âmago de uma sociologia política encontram-se as conexões entre sociedade civil e sociedade política, bem como as complexas interações entre sujeitos individuais, sujeitos coletivos e práticas sociais.”.

As redes sociais, no contexto acadêmico das ciências sociais e da pedagogia social, encontram variantes em suas definições teóricas na construção de seus conceitos, os quais emergem ao serem produzidos por pesquisadores emaranhados nas variadas categorias sociais e nos múltiplos núcleos sócio-comunitários atuantes e em função da diversidade e da pluralidade cultural e histórica. A validação das redes sociais como meio e mídia na socialização e transmissão

2 Pedagogia do Oprimido, autoria de Paulo Freire, em 1968.

3 Aparelho telefônico

4 Antonio Gramsci. A. Quaderni del carcere. In: GERRATANA, V. (Org.). Ed. Crítica.

“ **A liberdade de comunicação, como bandeira de luta histórica da sociedade organizada, encontra uma poderosa ferramenta de ampliação de influência social nas redes sociais.** ”

de ideologias é contraditória às posturas dos agentes políticos que as utilizam como um ato consciente de compartilhar a produção do conhecimento realizado pela sociedade. Os conflitos resultantes destas posturas refletem diretamente nas postagens, comentários, e reações dos indivíduos e sujeitos que optam por utilizar as redes sociais como meio de comunicação interpessoal. Para agregar elementos de reflexão, citam-se alguns indicadores relacionados aos softwares de serviços que estão à disposição da comunidade e dos movimentos. O twitter é desenvolvido para possibilitar a comunicação através de pequenas mensagens que não ultrapassem ao limite de 140 caracteres. Esta restrição mantém estreito relacionamento aos displays dos aparelhos telefônicos celulares em sua tela. Surge para atender demandas das relações em ambiente de trabalho. Gerido, posteriormente, como um produto de uma empresa capitalista nos moldes tradicionais de consumo dos norte-americanos, torna-se um modismo popular de massa. Estima-se em 300 milhões de usuários no mundo e apenas 21 milhões destes são perfis atuantes nas redes sociais 2012<sup>5</sup>. O orkut, outra ferramenta a serviço das redes de relacionamentos, possibilita uma nova formatação a partir da construção de listas de amigos e contatos, os quais são registrados em cadastro pessoal. Seus usuários o utilizam, como eixo norteador, para a troca de informações e opiniões sobre fatos e acontecimentos da vida cotidiana. O facebook, enquanto software de relacionamento

5 <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5139396-El12884,00-Numer+de+usuarios+do+Twitter+se+aproxima+da+populacao+dos+EUA.html>, obtida em abril/2012.

das redes sociais, nada mais é que uma inovação tecnológica sobre o Orkut. As facilidades técnicas de interação, inclusas neste produto, e o seu conceito de ampliar a rede social de relacionamentos, a partir dos indivíduos, perfaz o seu grande apelo de expansão. O Youtube é uma ferramenta largamente utilizada pelos movimentos sociais. A possibilidade que oferece de postar pequenos vídeos atrai milhares de organizações não-governamentais. Estas incluem suas produções audiovisuais no contexto da democratização da informação, da formação política e da motivação à mobilização por direitos sociais.

Nas redes sociais, a criatividade e a irreverência são marcas da participação de adolescentes e jovens, em manifestações sociais, como uma nova forma de ação política. A mobilização denominada Pillow Flight Day<sup>6</sup> é uma destas iniciativas. “A famosa guerra de travesseiros ganhou um novo formato quando passou a integrar o quadro de flash mobs. Nela, pessoas combinam pela Internet em um determinado local e horário e levam consigo seus travesseiros para guerrear com pessoas desconhecidas. O Pillow Fight<sup>7</sup>, vem sendo praticado em várias cidades do mundo” . Em alguns locais estas mobilizações se assemelham ao simples ato de entretenimento e em outras há a aglutinação em torno de manifestações de oposição a injustiças. As redes sociais são revolucionárias, como instrumento de comunicação de massa, na mesma medida em que foram as invenções da imprensa, do rádio e da televisão. Elias (1998, p.16) registra que “a violência recíproca dos grupos de pessoas no curso dos processos revolucionários ou de qualquer outra espécie de guerra civil prolongada é um desastre humano tão grande quanto uma guerra entre estados”. Os impactos da luta de classes, dos conflitos culturais ou nacionalistas, da competição entre os capitalistas do agronegócio e os movimentos ambientalistas, a partir deste novo paradigma do mundo virtual, se entremeiam como uma incógnita, pois as dinâmicas da violência através do controle da informação nas redes sociais ainda esta por ser investigada com maior densidade.

Os Blogs compõem-se como outro componente desta conjuntura. Sua proposta é gerar um ambiente

6 <http://www.pillowfightday.com/>, obtida em abril/2012.

7 [http://pt.wikipedia.org/wiki/Flash\\_mob](http://pt.wikipedia.org/wiki/Flash_mob), obtida em abril/2012.

pessoal de registro de informações. É adotado pela categoria dos jornalistas como um ambiente de manifestação de suas opiniões, independentes das forças opressoras e controladoras das empresas de comunicação de massa. É um ambiente de interação, onde os blogueiros<sup>8</sup> podem registrar suas considerações e receber comentários dos leitores. Através dos Blogs o usuário ultrapassa o limite de expectador de mídia, atuando, se o desejar, como produtor de opinião, e com a potencialidade de tornar-se produtor de novas informações e conhecimentos.

A ética, neste contexto, é uma variável fundamental nesta equação. Questões jurídicas ainda são uma incógnita em função da inexistência de legislação normativa quanto ao uso das redes sociais. A formação educacional formal é uma das instâncias promotoras de um grande debate neste campo, sobressaltando os temas do bullying e da falsidade ideológica. Nestes ambientes, expressões como autocontenção<sup>9</sup> individual podem ser lidas como referências à responsabilidade individual. Sobre a relação alienação e envolvimento, tema gerador de discussões sobre o manuseio das redes sociais, encontra-se em Elias (1998, p.99) uma abordagem correlacionada, ao expor que as:

[...] sociedades sem autoridade central permanentemente autocrática só podem funcionar e, decerto, só podem sobreviver no tempo sob essa forma se a fraqueza relativa e a instabilidade da autoridade central dos órgãos externos de regulação forem compensadas pela força e estabilidade relativas da auto-regulação de seus membros.

Estas posturas atitudinais interagem com a reprodução da vida cotidiana e suas incoerências frente aos movimentos que lutam pela promoção de um mundo mais justo e fraterno. A convivência da pornografia, da pedofilia, das falsas informações versus o esforço pela construção de uma ética nas relações a partir do mundo virtual é um dos conflitos, de intensa repercussão, presente no mundo das redes sociais. A principal resistência dos professores na rede formal de ensino institui-se nesta premissa. As contradições da cultura local frente à pluralidade global, o entremear

<sup>8</sup> Denominação aos usuários e produtores de blogs

<sup>9</sup> Conforme Elias(1998)

“

**Este processo de trocas de informação possibilita a quebra de pré-conceitos, expõe culturas locais, conversa-se sobre as diferenças entre a moral e as religiosidades específicas. Há diálogos sobre as suas concepções e expectativas de vida, e alimentam uma convivência antes impraticável frente às distâncias e as dificuldades de uma comunicação coletiva e interativa.**

”

das instâncias da defesa da individualidade frente aos olhos eletrônicos, no contexto da ampliação dos pontos de captação de imagens instalados em nosso computador, em satélites, nas ruas, nas lojas e nos ambientes públicos. A auto-exposição, as fotos íntimas, os comportamentos obscenos, as manifestações de pensamento nazista ou fascista, as expressões racistas, entre outras, povoam o mundo das redes sociais e representam a face do egocentrismo, do individualismo, das denominadas leis de mercado e do consumismo como filosofia de vida. Estas proposições contraditórias, entre ampliação da informação versus a perda da privacidade ainda carecem de atenção e análises sociológicas de maior densidade. Elias (1998, p.216) corrobora nesta referência ao citar que o “padrão de conduta civilizada alcançado pela humanidade até agora não está completo nem é unificado. Reconhecíveis contradições que atuam sobre muitas tensões e conflitos pessoais de nossa era decorrem de sua estrutura.”.

Descentralizar as relações de poder e a ampliar os projetos de formação de novas lideranças democráticas e pluralistas é um dos desafios dos conteúdos programáticos da pedagogia social. Elias (1998,p.19) cita que as

[...] pessoas no poder costumam depender de calorosa manifestação de aprovação e, muitas vezes, de afeição ou de amor de seus compatriotas sempre que exaltam ou acrescentam algo à glória da unidade social à qual todos pertencem. A notável propensão que as pessoas apresentam para projetar parte de sua auto-estima individual nas unidades sociais específicas, às quais estão ligadas por fortes sentimentos de identidade e de participação, é uma das raízes dos perigos que os grupos humanos constituem uns para os outros.

A pluralidade e a diversidade cultural são proposições que se espalham como fogo em mato seco nos campos das redes sociais. Um jovem no Brasil, por exemplo, que se insere em um jogo coletivo virtual, compõe-se em equipe, com outros jovens do Canadá, EUA, África do Sul, China, Índia e França e atuam gerando diálogos de estratégias para vencer o jogo. Mas a interação não se restringe ao jogo, há toda uma motivação para conhecer a cultura do outro, a língua do outro, a vida cotidiana do outro. Postura esta que desencadeia amizades, solidariedade e fraternidade. Este processo de trocas de informação possibilita a quebra de pré-conceitos, expõe culturas locais, conversa-se sobre as diferenças entre a moral e as religiosidades específicas. Há diálogos sobre as suas concepções e expectativas de vida, e alimentam uma convivência antes impraticável frente às distâncias e as dificuldades de uma comunicação coletiva e interativa. Em Elias (1998, p.236) acrescenta que “em geral, essas imagens idealizadas das sociedades, no espectro das crenças sociais, acentuam como virtudes aquelas características de sua própria ordem social idealizada e estigmatizam como vícios as falhas na ordem social de seus antagonistas.”. Neste acesso a uma imensa quantidade de informações agrega-se o Ebook e o E-learning<sup>10</sup>. Os encontros com opiniões divergentes se constituem novo fundamento em um processo

<sup>10</sup> Ebook são livros digitais, normalmente gratuitos disponíveis na internet. E-learning são referências a cursos disponíveis na internet, muitos gratuitos, com o perfil de autodidatismo.

pedagógico que colabora com a formulação da sua concepção de mundo.

As redes sociais se compõem em conexões de pessoas, cujas categorias podem ser descritas por formais e informais<sup>11</sup>. As formais são as relações de parentesco, de filiação partidária, de contrato de trabalho, de livre associação a uma entidade social ou de classe. As relações informais se estabelecem em laços de amizade, de indicação de contato social, de convivência religiosa ou de clube, de identidade cultural ou mesmo por interações virtuais através do aceite da descrição do contato/indivíduo, a partir das informações que este pré-estabelece nas redes sociais, verídicas ou não. Estas categorizações de apoio a análise das redes em relação aos movimentos sociais se aprofunda na uma proposição de Teixeira (2007, p.704) onde “a esfera tecno-social tem o inegável mérito de não somente permitir a auto-construção de identidades, como o de transpor fronteiras, fazendo com que relações que seriam praticamente impossíveis de se realizar fora desse meio, possam efetivamente encontrar lugar.”.

Outro contexto que circunda o mundo das redes sociais é o movimento do Software Livre. Sobre este, Teixeira (2007, p.707) comenta que “... tem suas origens em torno de uma causa local, mas alcançam uma dimensão mundial/global, servem como exemplo do poder e potencialização da rede pluridimensional, principalmente da internet, pois além de transpor as múltiplas barreiras culturais, sociais e econômicas, se estendem ao longo das fronteiras virtuais, transformando a realidade, que muitas vezes é imposta por grupos hegemônicos, pela falta de informação ou desproporção econômica.”. Outra referência prática destas iniciativas do uso dos computadores pessoais pelo movimento popular e a construção de redes de articulações encontra-se na Associação Brasileira de Vídeo Popular, através do projeto Alternex, sediado no IBASE<sup>12</sup>. Atividades como animação cultural, mobilização social, formação de lideranças e cidadania ativa, documentação de eventos e registros de sua história, entram no projeto como um

<sup>11</sup> Termos citados em: Redes Informais nas organizações: a co-gestão do conhecimento. Autoria de Tânia M. B. Macedo. Comunicação publicada em [WWW.scielo.br/pdf/ci/v28n1a13.pdf](http://WWW.scielo.br/pdf/ci/v28n1a13.pdf). Maio/2012.

<sup>12</sup> Informações em [www.ibase.org.br](http://www.ibase.org.br), obtida em maio/2012.



recurso pedagógico. Outra perspectiva é a motivação a criação de TVs comunitárias e TVs de rua em suporte a divulgação sob a perspectiva do movimento popular e sindical e das organizações não-governamentais com o perfil de identidade relacionadas a projetos de transformação da sociedade. Estes modelos caracterizam um fenômeno social que é a construção de redes de redes sociais articuladas pelos movimentos sociais no Brasil. Ilse Scherer-Warren sugere em seu livro de título “Redes de Movimentos Sociais” que “as redes de movimentos que vem se formando no Brasil apresentam características em comum: busca de articulação de atores e movimentos sociais e culturais; transnacionalidade; pluralismo organizacional e ideológico; atuação nos campos cultural e político.”. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Via campestina<sup>13</sup> são referências, nos encontros de formação de formadores e de lideranças, como exímios utilizadores das ferramentas de redes sociais em computadores para a divulgação de suas ações de luta contra sistemas opressores e contra a exploração capitalista da terra, conceituando-a como direito coletivo da humanidade. Sob uma ótica patronal, vale citar o movimento “Todos Pela Educação”<sup>14</sup>, pois este atua intensamente nas redes sociais com o objetivo de interagir e informar parceiros, apoiadores, pais, alunos e professores, sob a bandeira de uma educação básica de qualidade no país.

Como um dado, o Brasil apresenta um cenário em que sete sites<sup>15</sup> dominam a navegação local, com cerca de 75% dos pageviews<sup>16</sup>: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br), [www.terra.br](http://www.terra.br), [www.ig.com.br](http://www.ig.com.br), [www.globo.com](http://www.globo.com), [www.google.com](http://www.google.com) (incluindo a busca, YouTube e Orkut), Microsoft Live e [www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br). Nos EUA, descontando Facebook, os seis maiores sites (Yahoo!, Youtube, Amazon.com, MSN, Live.com e Ebay) chegam a ter apenas 7,5% do tráfego. Esta volumosa adesão às redes sociais possibilita traçar uma suposta correlação ao perfil social dos brasileiros.

Outra postura dialogal se replica nas novas ferramentas das redes sociais, em uma abordagem

13 Sobre MST, [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br). Sobre Via campestina. <http://www.cloc-viacampesina.net/>

14 [www.todospelaeducacao.org.br](http://www.todospelaeducacao.org.br), obtida em maio/2012

15 Fonte: <http://afroblogs.blogspot.com.br/2011/02/redes-sociais-nao-influenciam-midia-no.html>

16 Parâmetro para medir a visibilidade de um site.

que proporciona uma visão de incompletude em todas as informações registradas, mesmo em sites de pesquisa como o wikipedia<sup>17</sup>, permite ao leitor uma visão sob a qual sempre haverá uma nova informação a ser acrescentada. Em paralelo, manifestando uma inquietude frente a própria produção textual, em resposta ao seu interlocutor Adriano<sup>18</sup>, Freire (2009, p.31), cita que

[...] esse texto se apresenta como trabalho não acabado. Ou seja, é um livro (ou texto) que pede que o(a) leitor(a) entre e faça parte dele. Ao mesmo tempo em que ele, texto, se apresenta ao(a) leitor(a) e diz: “olha, eu sou não acabado em mim mesmo”, ele diz também que é pretexto para que o(a) leitor(a) pense além dele. E aí o leitor(a) vem e diz: “e o que é que você tá pensando, quando me afirma que é pretexto para que eu (leitor) o supere? Vê, Adriano, como o(a) leitor(a) vai adentrando, vai indo mais.

Estes são por excelência espaços da leitura e da escrita e se perfazem em ambientes inacabados, que mobilizam o sujeito a interagir, a emitir sua opinião, a expor seus pensamentos, por vezes sistematizados ou politicamente corretos, mas em outras dinâmicas, como uma simples conversa que se expressa de forma dispersiva, entrecortada e inconclusiva. Ao retomar uma reflexão de Freire (2009, p.40) em uma abordagem sobre a práxis, faz uma referência que “quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidade. As pessoas então fazem de seus discursos um panorama do que é possível fazer”. Continuando seu diálogo com Adriano, Paulo Freire (2009, p.43) comenta que “... antes de ser boa política, a ação organizada é um sonho coletivizado. Antes de uma empreitada ser programa e estratégia é sonho. Quase eu diria... uma dose de anarquia precede e acompanha a organização revolucionária”. Silva (2011, p.108) corrobora esta reflexão, ao investigar uma atividade com alunos de uma escola pública, que ao completarem seu processo de pesquisa através de sites e redes sociais, “...há um quê de lúdico na composição destes usos, concomitante com a descoberta do novo, de aquisição de uma nova habilidade e conhecimento.”

17 [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org), biblioteca virtual livre e gratuita.

18 Transcrição de resposta a Adriano Nogueira, no livro “Que Fazer”, Freire (2009).

Nesta proposição, a curiosidade e o lúdico são componentes estruturais de uma nova militância, principalmente entre jovens e adolescentes.

As proposições de Melucci (1996) acrescentam características que permitem uma investigação deste contexto da ação coletiva das redes sociais como categoria analítica da sociologia. Estas envolvem as seguintes características: deve explicitar um conflito; estar no âmbito das relações de solidariedade; e em relação à práxis devem gerar a expectativa de exceder as fronteiras de um sistema. Nesta configuração, pode-se conceber que as nucleações construídas através das redes sociais informatizadas podem se constituir em núcleos de ação política coletiva e apontar uma conexão com um princípio de identidade construída coletivamente, ou de identificação em torno de interesses. Segundo Scherer-warrem (2005 e 2007), os movimentos sociais, na sociedade contemporânea, podem ser pesquisados e explicados quando os atores sociais ou formas de coletividade que os compõem forem tratados levando-se em consideração os componentes estabelecidos nas teorias de análise de redes sociais e organizacionais.

Estes elementos constituem uma nova pedagogia social e popular, percorrendo caminhos virtuais através das redes sociais. Em certos aspectos, há nas redes sociais uma certa composição que a aproxima do anarquismo, como uma nuvem em dispersão, cujo formato não permite sua descrição sistematizada, mas em outro, uma estrutura de conexões, cujas características podem ser analisadas e se reconstituir e materializar-se em forma de dados quantificados e qualificados. A liderança virtual é um novo componente deste ciber mundo, da cibercidadania (Silva, 2011a) e do cotidiano dos internautas. Não simplesmente como um avatar<sup>19</sup>, nos jogos ficcionais, mas um sujeito histórico, ativista e mobilizador.

Será que os educadores estão atentos a este novo ambiente de aprendizagem, vivência e instância de relações interpessoais?

<sup>19</sup> Avatar: manifestação corporal de um ser imortal, segundo a religião hindu. Neste texto, a expressão torna sentido através de seu uso popular nos meios da informática, como uma figura virtual que representa a imagem e semelhança de seu usuário.

**“ Em certos aspectos, há nas redes sociais uma certa composição que a aproxima do anarquismo, como uma nuvem em dispersão, cujo formato não permite sua descrição sistematizada, mas em outro, uma estrutura de conexões, cujas características podem ser analisadas e se reconstituir e materializar-se em forma de dados quantificados e qualificados. ”**

Será que os promotores de políticas públicas e construtores de currículos escolares estão observando a migração da convivência física para a convivência virtual ou das pesquisas de conteúdos que estão dispersos mundialmente nas mais variadas bibliotecas digitais, e das comunicações possibilitadas aos usuários, de forma praticamente instantânea, pelos inovadores aparelhos eletrônicos?

Será que os ativistas dos movimentos populares, alguns saudosos dos tempos das panfletagens e dos piquetes, e pensadores das teorias políticas estão emaranhados nas expectativas de vida e proposições organizacionais das sociedades dos séculos passados e se desconectando das novas contradições dialéticas instaladas pela cibercultura e pelas redes sociais?

## REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FREIRE, Paulo; Nogueira, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 10ª. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina & Silveira, Rogério L.L. da (orgs.). **Redes, sociedade e território**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais e de movimentos. In: Luiz Antonio Ferraro Júnior. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2007, v. 02, p. 323-332.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SILVA, Odair Marques da. Redes Sociais, Educação Social e Trabalho. In: Garrido, Noemia C; Silva, Odair. M.; Evangelista, Francisco. **Pedagogia Social: educação e trabalho na perspectiva da Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora. 2011.

SILVA, Odair Marques da. A produção de vídeo pedagógico a partir da sala de aula. In: D'Abreu, João Vilhete Viegas [et al]. **Tecnologias e mídias interativas na escola: TIME**. Campinas.SP:Curt Nimuendajú:2011.

SILVA, Roberto; Neto, João Clemente de Souza; Moura, Rogério A. (Orgs). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

TEIXEIRA, Viviani C. **Anais do II Seminário Nacional. Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil. Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais. Mestranda em Sociologia Política. (NPMS/PPGSP/CFH/UFSC).

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não-formal na América Latina**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alain. **Palavra e Sangue: política e sociedade na América Latina**. Tradução de Iraci D. Poletti. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.